

Roland perguntou, confuso. — Por que 4,4? O que esses papéis amarelos podem fazer? Taylor respondeu com naturalidade. — Não sei ao certo. Só desconfio que minha alma talvez não exista mais neste mundo. — Talvez eu já tenha voltado para casa até lá. Ou talvez tenha me juntado à peregrinação de trilhões de almas leais ao Trono do Imperador. A soldada Lightlin de repente esbravejou: — Eu... eu estava brincando, seu bobo! Viva direito, porra! — Ninguém vai pular desse veículo! Se formos morrer, será juntos! Os outros soldados reforçaram: — É isso mesmo! Que se dane a honra. Não somos covardes para fugir. Cada palavra deles parecia uma facada no rosto de Taylor, que fez bico e perguntou: — Então o que você sugere? Esperar o combustível acabar ou deixar aqueles malditos insetos nos alcançarem? Por um instante, houve silêncio. Mas então, a Sra. Kathy falou: — Olha... lá na frente tem uma curva fechada, em U. Podemos fazer uma virada rápida e voltar. Estamos com alguma distância dos monstros, e acho que o Frankstein tem força pra acelerar. — Com o embate, podemos atravessar os inimigos como sempre fizemos. — O Frankstein é resistente! Ele aguentou o golpe do Carniceiro, e mesmo que os Exterminadores tenham danificado um pouco, sinto que ele está ainda mais forte agora! Taylor respondeu pessimista: — "Sentir" não vai salvar a gente... — Mas tudo bem. Morreremos juntos então! — Virada! Investida! — Ele gritou, reunindo coragem para ordenar. No instante seguinte, a força centrífuga o arremessou quase para fora do assento. O Frankstein, ainda praticamente na velocidade máxima, girava brutalmente com a inércia descontrolada. Então, o motor do Frankstein rugiu, e uma aceleração brutal pressionou todos contra os bancos... Ele começou a acelerar em linha reta! Naquele momento, o Tirano olhou para o Frankstein em alta velocidade e lembrou-se daquele instante no mundo deserto. E Taylor também reviveu a sensação de rolar ladeira abaixo na areia. Depois do baque familiar, mas ao mesmo tempo estranho, Taylor respirou fundo e abriu a escotilha superior, levemente amassada. Mas o que ele viu foi a garra enorme do monstro agarrando o veículo, seu rosto distorcido exibindo um sorriso quase humano enquanto encarava o Pelotão 15 de cima para baixo. Seu abdômen estava quase cortado ao meio, mas a carapaça reforçada e as garras poderosas o salvaram. Sangue negro escorria pelo chão, órgãos esculpidos pela colônia de insetos espalhados por toda parte. Mas o tempo de aceleração não tinha sido suficiente... Um desespero gelado subiu pela espinha de Taylor. Justo quando ele estava prestes a desistir, algo dentro dele gritou: — WAAAAAAGH, Frankstein! No mesmo instante, o veículo, que até então patinava, soltou um rugido ensurdecedor. O motor, superaquecido, rangeu com estalos metálicos, como se partes se partissem... E então acelerou violentamente. O sorriso humanoide do Tirano se transformou em terror. Com um CRACK seco, Taylor viu o torso enorme escorregar pelo teto do veículo. Ele não conseguiu conter o comentário: — Caralho! — Esse carro é um espírito agora! Capítulo 134: Última Linha de Defesa A vitória, amarga e doce como o melhor café, foi assim descrita por um general do Império. Mas Taylor só sentia o amargo e o cansaço. O motor do Frankstein não parava de roncar, emitindo ruídos preocupantes de vez em quando, já que nunca havia sido revisado após o sobrecarregamento. Ao lado, a cabeça enorme do Tirano estava amarrada no veículo dos orks. Os pele-verde estavam encantados com o inseto "grande e WAAAGH", acariciando e beijando o cadáver como se fosse uma beleza inigualável à disposição deles. Aquela cena nojenta fez Taylor franzir a testa. Ele desviou o olhar e pegou seu cantil, bebendo um energético que prometia "revigorar o espírito". A bebida dos soldados do Império era uma mistura de taurina, cafeína, açúcar e vitaminas — nada saudável, mas que salvava vidas no campo de batalha. O gosto, no entanto, era inexplicável: amargo e enjoativamente doce ao mesmo tempo. Provavelmente vazou óleo de máquina na fábrica dos Tecno-Sacerdotes... Mas e daí? Melhor isso do que morrer. Nesse mundo, conseguir engolir algo já era um privilégio. Taylor suspirou enquanto o Frankstein se aproximava do acampamento. Sob os gritos de comemoração dos soldados e o barulho dos canhões, o herói do Império retornava. As pessoas celebravam mais uma vitória como se fosse inevitável. Só Taylor sabia que sua sorte poderia acabar a qualquer momento. Ele não podia se deixar levar pela arrogância. Se um dia ele apontasse para as criaturas mais terríveis do universo e desafiasse o destino, o azar viria em cascata. Seus braços ainda doíam de tanto segurar os apoios do Frankstein durante a turbulência. O barulho irregular do motor era a prova de que a vitória tinha seu preço. Metade dos orks havia morrido, e Taylor ainda precisava recolher os corpos e queimá-los

— senão, no ano seguinte, teria um exército de pele-verde crescendo no quintal. Ele bocejou, exausto, e se reportou ao velho Teckis: — Vencemos. Teckis respondeu como um velho austero: — Era óbvio! Mas todos os oficiais sabiam que, desde o momento em que recebeu o sinal de que Taylor estava emboscado, o homem não parou de andar de um lado para o outro, inquieto, até a volta do pelotão. Taylor perguntou: — Bloqueamos as forças dos insetos. Agora ficou mais tranquilo, né? Teckis balançou a cabeça. — Não. Só atrasamos o aperitivo deles. Pelo que dizem os relatórios, subestimamos o tamanho do enxame. Taylor franziu a testa. — Eu já destruí o tirano dos insetos, como eles ainda têm tanta força de combate? Teikes explicou. — Recentemente, eles se fundiram com outro tentáculo. Quando duas colônias de insetos se encontram, lutam e devoram umas às outras. O vencedor absorve todos os recursos da colônia derrotada. — Estamos enfrentando uma colônia que ficou mais forte. — Segundo as informações dos Filhos do Imperador, a colônia de insetos que nos ataca veio da Baía de Damocles, nossos velhos conhecidos. E a colônia que eles devoraram também tem conexão conosco. Taylor perguntou, inquieto. — Que tipo de conexão? Teikes respondeu. — Era uma colônia de Leviatã, a segunda frota de tentáculos a chegar à Via Láctea, mil anos depois dos Behemoth. E quem os convocou foi aquele ladrão de genes que vimos. Taylor lembrou dos malditos Titãs que obscureciam o céu e dos horríveis híbridos ladrões de genes. Um calafrio percorreu sua espinha. — Primeiro os Marines do Caos, agora os enxames. O que está acontecendo com este mundo? — reclamou. Teikes respondeu secamente. — Este mundo está doente, pelo Imperador. E nós somos o único remédio. Agora, vá para o seu posto e leve esses malditos orks alienígenas e seus amigos hereges! Taylor fez uma continência e saiu correndo, sob os olhares de admiração e aprovação dos oficiais. Ele estava preocupado. Agora enfrentavam uma colônia ainda maior. Mesmo que ele tenha enfraquecido os inimigos, a vitória parecia distante. Não é à toa que tinham novos tipos de vermes-cerebrais e guardiões pesados. Eles haviam absorvido outra colônia. Tremendo, Taylor se escondeu em um canto discreto dentro do Frankstein, como se as paredes de aço pudessem lhe dar um mínimo de segurança. Afinal, só uma colônia já era suficiente para tirar seu sono! Por que o Imperador o testava tanto? Sua mente recordou o sorriso do tirano dos insetos ao morrer. Um sorriso humano, assustador e perturbador, combinado com o rosto horrendo da criatura, virou material para seus pesadelos nos próximos meses. Pior que ser perseguido por um Grande Impuro, aquilo o deixava mais inquieto. Como se tivesse sido amaldiçoado por um demônio, ele agora era o alvo de uma raça antiga e implacável! Horas depois, ele saiu do Frankstein, tentando se manter calmo. Um Marine Espacial passava por perto. Taylor não resistiu e perguntou ao guerreiro dos Tubarões Devoradores: — Você acha que ainda vamos receber reforços? O Marine respondeu: — Improvável. Para ser honesto, quase todas as forças deste setor estão ocupadas lidando com a invasão do Caos, graças àqueles malditos... Ele parou no meio, olhando para os Marines roxos à distância — os Filhos do Imperador não eram permitidos no acampamento e tinham que montar suas bases bem longe. Desconfiança era natural. Eles eram como refugiados, arrastados pela maré dos eventos, obrigados a cooperar por enquanto. Quem saberia se não nos matariam e comeriam nossos cadáveres para sobreviver? Traição não era impossível. Neste mundo, nada era mais nojento que traição, especialmente depois do que já haviam feito! Taylor queria confortar seu companheiro, mas algo chamou sua atenção nos trilhos de transporte. Ele esfregou os olhos. — O que é aquilo? O Tubarão Devorador olhou e ficou surpreso. Em trinta mundos em guerra, ele nunca tinha visto algo assim. Era uma massa de torres de canhão, blindagem pesada, quinze metros de comprimento, seis de altura. Uma máquina de guerra vomitando fumaça negra, um pesadelo vindo pelos trilhos. A maior obra da alquimia imperial, a expressão mais pura do engenho humano — e, claro, uma fortuna em metal. Uma fortaleza de guerra. Ou melhor, um trem de guerra. Metal negro, chaminés enormes, inúmeras armas: canhões de defesa, macrocanhões, moorteiro, metralhadoras. Taylor sabia que até o menor deles podia reduzir alguém a pedaços. — Quanto custou essa coisa? — admirou-se o Marine. — Esse é o problema agora? — Taylor revirou os olhos. — Maldito seja, agora me sinto confiante. Isso é uma bênção do Imperador... — murmurou Taylor. Mas então o medo voltou. — Não... se isso está aqui, significa que a guerra vai piorar... Seu maldito sexto sentido atacou. Ele percebeu seu erro — irritara um tirano imortal e mostrara ao enxame onde estava o

maior obstáculo. Pouco depois do trem chegar, o céu escureceu. Cápsulas de queda verdes e uma nuvem de gárgulas começaram a descer. Taylor gritou, tremendo: — Todo mundo em posição! Para as trincheiras! Estamos acabados! [Capítulo 135 - Como um Desastre Natural, Parte 1] O trem de guerra cuspiu fogo sem parar, como um demônio do inferno controlado pelo poder do Imperador. Insetos caíam do céu, morriam e viravam fertilizante para o solo imperial. Mas mesmo com os tanques Hydra, os Leman Russ, os esmagadores Rogal Dorn e a fortaleza móvel trabalhando sem descanso... Os insetos só aumentavam. Taylor e seus orks haviam destruído parte do inimigo, queimado os cadáveres para evitar que o enxame reciclasse a biomassa. Mas ele subestimara quanto nutriente um mundo agrícola podia oferecer. Ele enfrentava um enxame bem alimentado. Comparados a isso, até os Filhos do Imperador pareciam bonzinhos. Até mesmo seus pesados Terminadores não resistiriam a um ataque dessa magnitude. Se não fosse pelo poder de fogo maciço da Guarda Imperial e pelas fortalezas de guerra das Dinastias Comerciantes, esses traidores já teriam virado ração. (Nota: Optei por traduzir "Terminators" como "Terminadores" por ser um termo consagrado em Warhammer 40k em português. "Dinastias Comerciantes" é a tradução padrão para "Rogue Traders" no contexto do jogo, e "ração" mantém o tom brutal e desdenhoso do original. A estrutura foi ajustada para fluir melhor em PT-BR, incluindo a quebra do período longo em duas frases mais naturais.)

<http://portnovel.com/book/29/4973>